

# A CÁRITAS

## 2 – A Liberdade Cristã

**P.** *Boa noite. Estamos convosco, para mais um programa da responsabilidade da Cáritas Diocesana de Portalegre e Castelo Branco. Elicídio Bilé trás à nossa reflexão uma palavra, um tema sempre actual e, por isso mesmo, sempre novo – a **Liberdade**. Começo por lhe perguntar: - Porquê este tema, hoje?*

**R.** Saúdo o nosso auditório e agradeço, mais uma vez, ao Francisco Salgado, a sua presença na moderação desta conversa, pois é disso que se trata – uma conversa que temos aqui, quinzenalmente, com o objectivo de partilhar experiências e ajudar a centrar algumas ideias naquilo que a Cáritas julga ser o fundamental da nossa vida comunitária.

O tema de hoje – A **Liberdade** do Cristão e a **Libertação** de todos os homens – tem a ver com o período quaresmal que estamos a viver, no caminho para a grande festa da Páscoa. Por isso o trouxemos hoje.

A Quaresma é um tempo próprio para a interiorização, para a introspecção, no sentido em que, cada um dos cristãos, deve olhar para dentro de si e perceber a forma como tem feito o seu caminho.

É, igualmente, um tempo propício para olhar para os outros, dando-se a si próprio, promovendo a partilha de bens, e reconciliando-se com Deus e com todos os homens.

Aos olhos de Deus, todos os homens são iguais em direitos e em dignidade. É a esta luz que deve ser entendida a **Liberdade**, de tal forma que se tome consciência que a **Liberdade Individual** entronca com a **Liberdade Colectiva**. O Homem só é verdadeiramente livre quando todos os outros homens forem, igualmente, livres.

**P.** *Mas hoje a nossa sociedade já adquiriu essa consciência. O que falta então para que não exista tanta intolerância, tanta escravidão e tanta sede de poder?*

**R.** É verdade que hoje existe essa consciência da *liberdade* e da *dignidade* do homem, conjugada com a afirmação dos direitos das pessoas e dos povos. Mas não basta ter consciência e ficar no plano da afirmação, é necessário dar o passo mais importante, isto é, o que falta é a criação das condições de ordem cultural, social e económica para que seja possível o verdadeiro exercício dessa *liberdade*.

- Não é verdade que todos os dias somos confrontados com a dolorosa realidade da violência doméstica, do crime organizado, do rapto de pessoas, sobretudo de crianças e mulheres?

- Não é verdade que todos os dias lemos nos jornais e ouvimos nos noticiários das rádios e televisões, a venda de droga à porta das escolas e o seu consumo nos parques das cidades?

- E a exploração do trabalho dos imigrantes e a espoliação dos seus direitos, liberdades e garantias?

- E do terrorismo que abala as estruturas da sociedade?

Podia continuar a enumerar as diversas chagas sociais que contribuem para a exclusão social, para o desalento e incertezas do presente e que são atentatórias da *liberdade* a que todo o ser humano tem direito.

É verdade que hoje é reconhecida na legislação, nas leis fundamentais da maioria dos países ditos “civilizados”, mas como se traduz esse imperativo moral e legal na prática?

**P.** *Então, estamos condenados?*

**R.** Percebo a pergunta, e a resposta é que podemos não estar condenados se, todas as estruturas humanas e cada pessoa contribuir para que a sociedade em geral e cada indivíduo se liberte das diversas formas de opressão; que se aceite um caminho de conversão e se percebam os sinais da presença de Deus na vida dos homens.

Como sabe tem havido muitos progressos neste campo, embora estejamos longe de alcançar a verdadeira *liberdade* e a *paz*.

O direito de todos à cultura fez significativos progressos. Em numerosos países: o homem e a mulher têm igualdade reconhecida; o racismo é rejeitado como contrário ao direito e à justiça; a pena de morte tem vindo a ser progressivamente abolida.

Contudo existem demasiadas ambiguidades na afirmação dessa *liberdade* reconhecida.

Para alguns, a pessoa, na sua individualidade, é o sujeito da *liberdade* que deve bastar-se a si mesmo e deve ter, como finalidade, a satisfação do seu interesse pessoal. E o que aconteceu com isso? - Esse conceito originou a desigual repartição da riqueza produzida e os trabalhadores tornaram-se as primeiras vítimas das flutuações da economia, sem o devido acesso a bens essenciais, para cuja produção tinham contribuído e aos quais tinham direito.

**P.** *Qual tem sido o papel da Igreja e da Cáritas, em particular, sobre esta matéria?*

**R.** A minha resposta não pode ser exaustiva, como deve calcular. Mas direi o seguinte:

A Igreja foi constituída para ser sinal. Sinal do Amor de Deus para com o Homem. Deus criou o Homem “à Sua imagem” e constituiu-o na Sua amizade. Por isso, o homem só pode viver esta amizade na livre submissão

a Deus. Deve livremente reconhecer e confiadamente respeitar o Criador e estar sujeito às leis sobre as quais Deus constituiu a ordem da criação e as normas morais que regulam o exercício da *liberdade*, como diz o “Catecismo da Igreja Católica”.

Esta é o verdadeiro sentido da *liberdade* que, desde a origem do mundo, deve pautar o relacionamento do homem com todos os outros homens e com tudo o que Deus criou.

Também, através de Jesus Cristo, o homem deve reconhecer que não deve submeter a sua *liberdade* pessoal, de modo absoluto, a nenhum poder terreno, mas somente a Deus.

Por tudo isto, a Cáritas, como serviço organizado da Igreja católica, na sua acção a favor de todos, sobretudo dos mais necessitados e excluídos, age respeitando a *liberdade* de cada um e fomenta o respeito pela *liberdade* colectiva.

*P. Como referiu no início, escolheu este tema porque estamos a caminho da celebração da Páscoa. Depois do que acaba de dizer e, tendo em conta o programa que a Cáritas emitiu no ano passado, por ocasião da festa da Páscoa, podemos concluir que a libertação do homem encontra a sua expressão mais pura no mistério pascal?*

**R.** Antes de tudo, é pela força do Mistério Pascal que Jesus Cristo nos liberta. Foi através da obediência na Cruz e da Sua Ressurreição que Jesus abriu o caminho para a nossa *libertação* definitiva.

É através do nosso serviço, do nosso amor para com todos e do oferecimento dos nossos sofrimentos e provações que participamos do único sacrifício redentor de Jesus Cristo.

O cerne da experiência cristã de *liberdade* está na justificação pela fé e pela prática dos sacramentos da Igreja.

Pela reconciliação com Deus e pela Paz que recebemos de Jesus Cristo e que o mundo não pode dar, é que somos chamados a ser, entre os homens, construtores da paz e promotores de *liberdade*.

**P.** *Após a Ressurreição de Jesus, constitui-se a Igreja que se caracterizou desde o início pelo esforço em aliviar, defender e libertar cada um dos seus membros e chamar à fé todos os homens. Como é possível consegui-lo num mundo cada vez mais secularizado?*

**R.** Não é fácil responder a essa questão. Mas dir-lhe-ei o seguinte:

Jesus fez a opção pelos mais pobres. Isso demonstra que, longe de ser um sinal de sectarismo, ou de privilégio para os seus seguidores, manifesta, a universalidade do seu amor e, revela-se como tal, na missão da Igreja e das suas estruturas, sobretudo na acção social da Cáritas.

A Igreja tem consciência da complexidade do problema que as sociedades enfrentam, porque vive no seio dessa mesma sociedade, e das dificuldades de se encontrarem soluções adequadas. Por isso, apela para as capacidades espirituais e morais da pessoa e para a exigência permanente de conversão interior, para se conseguirem operar as mudanças económicas e sociais que estejam efectivamente ao serviço do homem. Pois, na realidade, as estruturas criadas para o bem das pessoas, por si só, são incapazes de realizá-lo e garanti-lo. Veja-se a infinidade de casos de corrupção que têm proliferado em muitos países, atingindo dirigentes e aumentando a burocracia do Estado, destruindo qualquer forma de vida social honesta.

**P.** *E que desafio para os cristãos?*

**R.** Parece-me que hoje está lançado um grande desafio aos cristãos: que se esforcem por realizar aquela “civilização do amor” que é o paradigma de

toda a herança ético-social do Evangelho, através de uma aprofundada reflexão sobre aquilo que é a relação entre o mandamento do amor anunciado por Jesus e a ordem social estabelecida, compreendida em toda a sua complexidade. Isto é, devem ser elaborados programas de acção audaciosos e devidamente executados, com vista à *libertação* sócio-económica de milhões de homens e mulheres, cuja situação de opressão económica, social e política é intolerável.

*P. E a solidariedade, que entrou no nosso vocabulário, não pode ser uma das formas de operar a libertação do homem daquilo que o oprime?*

**R.** É verdade que a solidariedade é uma exigência directa da fraternidade humana e também sobrenatural. Os graves problemas sócio-económicos que hoje enfrentamos, só poderão ser resolvidos se forem criadas novas frentes de solidariedade: solidariedade entre os pobres, solidariedade dos ricos para com os pobres, solidariedade dos trabalhadores com os trabalhadores, mas solidariedade também, num movimento geral de solidariedade, participando o Estado, as instituições e organizações sociais em diferentes níveis.

É neste pressuposto que entendo a solidariedade ao serviço da *libertação* do homem, vítima de tanta opressão.

Todos temos o dever de contribuir para um mundo melhor, livre e mais digno.

*P. Penso que deixou matéria suficiente para reflexão, neste período quaresmal que estamos a viver e que, se isso servir para ajudar a mudar alguns comportamentos, certamente a Páscoa para esses, será vivida de uma forma mais verdadeira.*

*Para terminar, peço-lhe uma última palavra que, de alguma forma, possa resumir o que disse ou para nos questionar.*

**R.** Para terminar, deixo a informação de que este programa poderá ser lido na Internet, através do site da Cáritas em [www.caritas.pt](http://www.caritas.pt). Para além deste programa, poderão ser lidas outras informações e notícias relativas às acções que vamos desenvolvendo.

Por fim, a última palavra que deixo não é minha, mas de S. Paulo, numa carta que escreveu aos Gálatas a propósito do tema de hoje – **liberdade**:

*“Foi para a **liberdade** que vós fostes chamados.*

*Por isso, não deveis deixar que essa **liberdade** se torne em ocasião para satisfazer os vossos apetites.*

*É que toda a lei se cumpre plenamente numa única palavra: - Ama o teu semelhante como a ti mesmo.*

*Mas, se vos mordeis uns aos outros, cuidado, não sejais consumidos uns pelos outros.”*

Obrigado pela vossa atenção. Muito boa noite e até de hoje a quinze dias.

**P.** *Terminamos assim o nosso programa. Obrigado pelas suas palavras. Despeço-me de todos com amizade.*

*Muito Boa Noite*

Portalegre, 28 de Março de 2007

Elicídio Bilé